

NARRATIVAS ESCOLARES SOBRE TEORIA QUEER: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Neilton dos Reis*

Resumo

Esse trabalho é resultante de uma pesquisa que lançou olhar sobre o ensino de Biologia, os gêneros não-binários e as possibilidades de trabalho da teoria queer nas salas de aula do ensino médio. Nesse texto, trago uma sucinta argumentação teórica acerca das definições do queer, para então pensar narrativas de estudantes de identidades não-binárias e docentes de Biologia acerca das suas aproximações e percepções sobre tal teoria. Por acreditar nas potencialidades do queer no Ensino de Biologia quando propõe as desnaturalizações, objetivo discutir as motivações e as (im)possibilidades das aproximações e dos distanciamentos escolares que permeiam esses campos de estudo.

*Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com período sanduíche na Université Lille 1 - France.

Esse artigo é resultado de inquietações e desdobramentos acerca dos processos de construção das identidades e expressões de gênero e sua relação com o Ensino de Biologia. Construído a partir dos dados da pesquisa *Diversidade de gêneros e Ensino de Biologia: casos de prazeres e corporeidades não-binários* (DOS REIS, 2015), cuja metodologia consistiu em levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas, o texto busca suscitar um questionamento sobre os saberes escolares do campo das Ciências Naturais acerca da teoria queer e sua relação com a construção das identidades e a estruturação do currículo.

As entrevistas ocorreram em duas categorias: a primeira sendo formada por estudantes e egressos jovens do ensino médio do estado do Rio de Janeiro que possuem identificação não-binária para o gênero ; a outra com professoras de Biologia do mesmo estado. Enquanto as pessoas da primeira categoria foram selecionadas levando em consideração apenas a territorialidade, a seleção das pessoas para a segunda categoria apresentou uma peculiaridade: a seleção de docentes objetivou um relato das práticas desenvolvidas para discutir a educação sexual e que, talvez, se propunham à desinstrumentalização do ensino. Assim, apenas profissionais que relataram discutir a temática de gênero e sexualidade foram escolhidas. Tal pré-requisito foi determinado por acreditar, baseado em trabalhos como o de Adriano Senkevics e Juliano Polidoro (2012), que é baixo o número de trabalhos efetivos na temática dentro de um planejamento curricular; de forma que a escolha de uma amostragem totalmente ao acaso teria forte possibilidade de não obter nenhum dado destas práticas pedagógicas.

Trago aqui as narrativas concernentes a um dos tópicos previstos durante as entrevistas realizadas com as duas categorias: conhecimentos acerca da teoria queer. Assim, para apresentar as aproximações de discentes e docentes de Biologia com essa teoria, bem como possíveis implicações que tais aproximações produzem no chão da escola, trago uma discussão dos seus aportes teóricos e sua relação com os saberes de gênero dos diferentes sujeitos da educação básica.

(Im)Possibilidades de delimitar o queer

Richard Miskolci (2014a, p. 01) aponta que a teoria queer deve ser adentrada, preferencialmente, através de uma análise tempo-espaço de suas raízes. Enquanto nova forma de produção de conhecimento de grupos historicamente marginalizados, é necessário

compreender os porquês da marginalização, da necessidade de construção de novas formas de produção – e, ainda, das demandas político-sociais desses grupos. O queer se apresentou como um ativismo social, que ocupou o campo acadêmico e problematizou os sistemas de organização que estabeleciam (e estabelecem) a normatividade heterossexual e binária. Como indica Richard Miskolci (2014b, p. 09-10), “autodenominarse queer era fazer de um termo negativo e que deveria causar vergonha uma forma de combate às forças normalizadoras cujo intuito de exclusão e até mesmo eliminação de dissidentes sexuais e de gênero era patente”.

Para Tiago Duque,

o queer poder ser uma nova ferramenta teórica aos movimentos sociais, porque a identidade precisa ser defendida, mas não no sentido da fixidez ou da estratégia via generalizações a-históricas e essencialistas, tampouco no sentido de legitimar expectativas conservadoras em termos de práticas afetivo-sexuais ou até mesmo de construção corporais (DUQUE, 2014, p. 79)

Assim, a teoria queer, enquanto corrente pósidentitária, não abandonou de todo as identidades, mas surgiu como uma crítica ao estabelecimento de uma norma do que é o normal, seja na dimensão heterossexual quanto na homossexual – de forma a romper, também, com esse binário. Juan Pablo Sutherland (2014, p. 03) recorre às ferramentas epistemológicas de Judith Butler e Michel Foucault afirmando que a teoria queer “pode ser entendida como uma teoria da ação performativa, que tem efeitos políticos nos corpos”; que lança mão de reflexões principalmente sobre a heterossexualidade para discutir um regime político-social que vai normatizar a vida em sociedade – desde as relações entre os indivíduos até seus entendimentos sobre seus próprios corpos. O regime heteronormativo não é um dado biológico, natural; mas tem bases políticas que visam a perpetuação de valores morais hegemônicos que serão analisados criticamente. Por isso, não basta o reconhecimento identitário do binário heterossexual/ homossexual se esse regime for perpetuado.

Assim, uma política queer permite redirecionar e ampliar o foco das identidades para o regime sociocultural de normas. Nessa ampliação, como aponta Richard Miskolci (2012, p. 31), a teoria vai expandir as concepções feministas para além do entendimento biológico de ser mulher e, ainda, enriquecer o movimento LGBTTI ao inserir perspectivas feministas para a conceituação de sexualidade e, principalmente, gênero. As sexualidades são entendidas sem

algumas rigidezes identitárias que acabavam por limitá-las. Para Denise Araújo (2014, p. 02), “é uma tentativa de compor uma teoria pós identitária, na qual as sexualidades são entendidas em livre trânsito”.

Tendo em vista toda a desestabilização de normas que a teoria queer pretende provocar, torna-se um desafio pensá-la associada ao sistema educativo – e, em especial, ao campo teórico e prática do ensino de Biologia.

Narrativas e aproximações escolares com o queer

As perguntas que desencadearam as narrativas de docentes e discentes durante as entrevistas aqui apresentadas, foram: “Você conhece a teoria queer? De onde? Consegue definir ou falar sobre ela?”.

Professora 1: Eu já li alguma coisa sobre, mas eu não entrei em nada profundo não. Teoria queer, cara se eu tivesse que explicar eu não saberia assim. Tem a ver com a relação da sexualidade, das múltiplas expressões, correto? Mas a fundo mesmo eu não sei. Acabo seguindo várias páginas no Facebook que tem alguma coisa.

Professora 2: Sim, já ouvi falar. Essa que trabalha essa questão também de transgênero, que aborda. Inclusive que deveria fazer parte dos currículos. Essa questão da homossexualidade, trabalhar as diferenças. Já ouvi falar. Foi pela internet e amigos.

Professor 3: Como soletra isso? [risadas] Não, não conheço.

Professoras 4: Não, acho que eu não vou saber muito bem te definir Teoria Queer não. Eu já ouvi falar sim, já li alguma coisa sobre, mas definir mesmo eu acho que não. Foi pela internet.

É observável que na categoria de professoras: ou elas não ouviram falar, ou já ouviram, mas não sabem exatamente do que se trata – têm apenas uma impressão do termo e apontaram a Internet como fonte de conhecimento. Esse quadro sugere um distanciamento dos saberes relacionados à teoria e à formação docente inicial (e continuada). Entendendo que a teoria queer pode ser um importante contribuinte para a construção do currículo, como aponta Tomaz da Silva (1999, p. 108), considero urgente repensar, assim, a formação docente, bem como os currículos.

Na categoria de estudantes, as pessoas entrevistadas também descobriram a teoria queer através da Internet ou com amigas e amigos.

Estudantes 1: Eu vou lendo e agregando coisas ao meu entendimento, e desafiando o que não concordo. [...] Quando as pessoas começam a falar merda e colonizar narrativas não-brancas ou deixar não-ocidentais, pobres, periféricos, não-brancos, pessoas com deficiência, pessoas de fé, etc. de lado, eu já começo a ver como colonizatório.

Estudante 2: A gente estuda a teoria queer nesses grupos que eu te falei. E assim é tão complexo que eu não sei o que falar. Porque você teria que me apontar uma linha porque a teoria queer vem de n gêneros, n aspectos, n vivências, então é mais ou menos assim, a partir que você é uma pessoa não binária você está integrada num gênero queer, e essa não binaridade ela tem n variedades.

Estudante 3: De nome já conheço sim, mas nunca parei pra ler e pesquisar sobre.

Estudante 4: Já ouvi falar. Eu nunca parei assim pra ler, pesquisar qual que é a teoria queer. Eu não sei se já vi coisas que é sobre teoria queer e eu não sabia que era teoria queer, sabe. Eu tenho essa dúvida.

Estudante 5: Eu me identifico em partes, assim. Eu me identifico politicamente, mas eu tenho uma aversão, um pouco, às pessoas que relacionam muito, assim, gêneros, principalmente gêneros não-binários, à teoria queer. Porque teoria queer pra mim é uma coisa muito política, e não relacionada realmente à identidade. Eu acho que, a identidade levou à teoria queer e não o contrário, assim. Mas, eu tenho um pouco de aversão assim.

Os apontamentos apresentados por parte dos estudantes indicam um grau de leitura acerca da teoria queer maior que os das professoras – o que pode estar tanto relacionado a uma questão geracional quanto à questão da própria construção de suas identidades não-binárias e as consequentes buscas para se reconhecer nessas formas identitárias. Indicam também que, ainda que o queer não esteja entre os currículos escolares oficializados, esse conhecimento tem chegado às escolas por brechas nem sempre previstas. Ainda que menores, as leituras acerca da teoria por professoras e professores acontecem; reforçando, mais uma vez, a existência dessas brechas nos currículos e formações engessadas. Isso vai diretamente ao encontro das potencialidades da teoria queer, já sua emergência (como exposto na sessão anterior) teve como característica a subversão e questionamento do oficializado, da norma –

bem como efetiva participação de movimentação social. Nesse sentido, é caro pensar que a teoria, enquanto saber insurgente, mantém-se provocadora e desestabilizadora dos sistemas e instituições.

Estudantes que concederam entrevistas indicam caminhos possíveis para a sua utilização no contexto social e na realidade escolar: a preocupação de Estudante 1 de uma ação queer se tornar colonizadora de grupos já marginalizados é extremamente coerente com as discussões feitas acerca da importação de uma teoria do eixo euro-americano para as terras abaixo do Equador – em consonância com Larissa Pelúcio (2014, p. 03), tal estudante lança os holofotes para a pluralidade de marginalizações que não devem ser obliteradas com a utilização sem reflexão de metodologias associadas ao queer; Estudante 2 reconhece a pluralidade dentro da própria teoria, o que a impossibilita de fazer uma representação geral do queer: são muitos fatores que se deve considerar para que uma delimitação conceitual do queer seja realizada – como refletiu Richard Miskolci (2014a, p. 01); por fim, Estudante 5 problematiza a concepção da não-binaridade de gênero, combatendo a visão que ela só acontece na teoria queer – sua aversão recobra as raízes do queer, que critica as produções acadêmicas acerca das identidades e diferenças.

A teoria queer, apesar de ser reconhecida pela literatura como um campo que pode gerar boas possibilidades e pontos de vista à educação, está ainda em construção e em busca por espaço no currículo e na formação docente – como indica Guacira Lopes Louro (2001, p. 552). Entretanto, algumas práticas possuem questionamentos facilmente enquadrados dentro de um posicionamento político queer, como é o exemplo de uma das professoras entrevistadas:

Professora 4: A gente cresce numa caixinha onde fala assim: “olha, o médico falou, tem uma vagina, que é a anatomia, é menina”. Eu sempre dou esse exemplo porque a maioria tem filho e eles riem bastante quando eu falo isso. “Aí, você vai fazer o que? Vai comprar uma roupinha rosa, vai comprar as bonequinhas; se falou ‘é menino’, você vai fazer toda aquela caixinha do menino; a caixinha da menina; mas, a gente tem que entender que, hoje em dia, ainda mais com o acesso à internet, isso tá sendo falado na mídia também”. Tudo bem que a maioria das notícias que vão falar, dessas pessoas que não são cis, que são trans, ou dos não-binários, vão falar de forma pejorativa, mas eles tão vendo aí na mídia. E aí, o que eu tento mostrar pra eles é que eles têm primeiro, não tolerar porque eu acho essa palavra horrível, mas que a gente tem que conviver com essas pessoas sim. Eu até falei: “e se tivesse um aluno aqui, nessa sala de aula, que tivesse uma identidade trans? Ou fosse um não-binário? Como seria pra vocês dentro da sala de aula?”.

Ao fazer tais questionamentos, a Professora 4 desconstrói o distanciamento. Ela não diz apenas que a identidade trans existe, ou que gêneros não-binários são legítimos. Mas os coloca na posição de sujeitos de direitos, lado a lado com sua turma. Ela coloca a turma em xeque e a instiga a pensar as relações de socialização que aconteceriam dentro daquela sala de aula – o que pode estimular a compreensão das socializações que ocorrem fora dela também. A professora se alia a uma perspectiva queer quando se propõe a uma prática, como indica Guacira Lopes Louro (2001, p. 552), “desconcertante e provocativa”.

Considerações finais

Percebo que a aproximação de estudante à teoria queer ocorreu, principalmente, em função de seu questionamento e desconforto com o binário de gênero feminino/masculino – seguido da identificação com realidades não-binárias. Esse caminho de (re)(des) construção de identidades possibilitou a tais pessoas uma aproximação, ainda que por vezes apenas em termos gerais, nas disputas teóricas do gênero e da sexualidade. Quanto às professoras, o contato se dá, principalmente, por interesse surgidos de experiências anteriores, por mostrarem-se abertas às diferenças e por compreenderem que o campo da educação é também um espaço disputado pelas correntes teóricas que se inserem nas formações, currículos e cotidianos escolares.

A teoria possui uma potência para o ensino de Biologia – e toda educação básica – quando propõe as desnaturalizações das políticas e sistemas que a regem, possibilitando uma abertura aos binários. Para sujeitos não-binários essa abertura se materializa no gênero, mas também como estudantes, poderá se materializar no rompimento do binário saber científico/saber popular, docente que ensina/discente que aprende. Para professoras, em especial as que reconhecem as importâncias dos estudos queer e de gênero, isso pode significar um impulso às práticas que ressignificam os posicionamentos da escola e que visam romper com os silenciamentos.

Referências

ARAÚJO, Denise. **Outras falas sobre gênero e sexualidade na escola**. Revista Periódicus. Salvador, v. 1, n. 2, p. 19-27, 2014.

DA SILVA, Tomaz. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999. ISBN 8586583448.

DOS REIS, Neilton. **Diversidade de gêneros e Ensino de Biologia: casos de prazeres e corporeidade não-binários**. Monografia. 2015. 105p. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Seropédica, 2015.

DUQUE, Tiago. **Corpo, Estado e militância, ou sobre aquilo que você precisa saber antes de começar a ler uma puta teoria**. Florestan, São Carlos. n. 2, p. 67, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação**. Revista Estudos Feministas. Santa Catarina. v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MISKOLCI, Richard. **Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre Teoria Queer**. Florestan. São Carlos. n. 2, p. 08, 2014a.

MISKOLCI, Richard. **Um saber insurgente ao sul do Equador**. Revista Periódicus. Salvador. v. 1, n. 1, p. 43-67, 2014b.

PELÚCIO, Larissa. **Breve história afetiva de uma teoria deslocada**. Florestan. São Carlos. n. 2, p. 26, 2014.

SENKEVICS, Adriano; POLIDORO, Juliano. **Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade**. Revista da Biologia. São Paulo. v. 9, n. 1, p. 16-21, 2012.

SUTHERLAND, Juan. **Os efeitos político-culturais da tradução do queer na América Latina**. Revista Periódicus. Salvador. v. 1, n. 1, p. 5-20, 2014. ISSN 2358-0844.